



Incentivos e Escolhas

Luís Cabral
lcabral@stern.nyu.edu

SOBRE-EDUCAÇÃO



Os estudos mostram que, de um ponto de vista económico, o investimento numa licenciatura ainda é rentável

O mercado português é fértil em casos de 'sobre-educação'. Há quem opine que a procura das qualificações dos licenciados diminuiu. Não é o caso. A oferta de licenciados é que aumentou muito

Em 1985, quando fui viver para os Estados Unidos, várias pessoas avisaram-me do "choque cultural" que isso significaria. A minha experiência inicial veio a confirmar vários dos 'avisos'; e incluiu algumas surpresas adicionais.

A distância de três décadas, um dos episódios que recordo foi conhecer um jovem licenciado em Matemática. Perguntei-lhe em que é que trabalhava e fiquei chocado com a resposta: empregado de balcão numa florista. Esperava que um licenciado em Matemática fosse professor no liceu ou analista de uma empresa de publicidade ou assistente numa *startup* de Silicon Valley. A minha reacção deve ter sido de tal forma visível que ele ficou surpreendido com o meu choque.

Há quem opine que a procura das qualificações dos licenciados diminuiu. Não creio que isso tenha acontecido

Depois de receber uma explicação, e com o tempo, percebi que tudo fazia sentido. Ele gostava de árvores, plantas e flores; e estava contente com o emprego. Por outro lado, sempre tinha nutrido uma certa 'paixão' pela Matemática. Nunca tinha tido planos de continuar uma carreira profissional como matemático; simplesmente tinha gosto por desenvolver os conhecimentos da matéria, uns com mais aplicação na 'vida real', outros menos; pelo que escolheu esse campo quando estudou na universidade.

Em Portugal, o meu conhecido seria um caso claro de 'sobre-educação', um termo que não compreendo e um conceito que, no meu entender, não deveria existir.

Muitas coisas mudaram em Portugal nas últimas décadas. Um licenciado em 1974 não era o mesmo que é um licenciado em 2018. Há 40 anos, a percentagem de jovens que, chegados aos 18 anos, entrava na universidade era apenas de seis ou sete por cento. Os poucos licenciados eram facilmente absorvidos pelo mercado em profissões 'qualificadas', pelo que a licenciatura era, efectivamente, um processo de profissionalização. Desde então, a percentagem

de jovens que frequentam a universidade aumentou quatro ou cinco vezes. Uma 'explosão demográfica' destas dimensões (um caso praticamente único na história portuguesa ou de qualquer país) tem necessariamente de ter efeitos a vários níveis. Em primeiro lugar, a qualidade média de uma licenciatura diminuiu (tanto a qualidade dos professores como a qualidade dos alunos). Note-se que isto é perfeitamente compatível com a possibilidade — aliás, o facto — de a qualidade de várias licenciaturas já existentes (Engenharia no IST, Arquitectura na UPorto, Medicina na ULisboa, etc.) ter aumentado significativamente.

Em segundo lugar, a colocação média de um licenciado é inferior ao que era há quatro décadas. Licenciados trabalhando no turismo e na restauração eram uma raridade nos anos 70 e são um caso comum hoje em dia. Neste sentido, o mercado português é fértil em casos de 'sobre-educação'. Há quem opine que a procura das qualificações dos licenciados diminuiu. Não creio que isso tenha acontecido. Pelo contrário, estamos perante um simples caso de crescimento da oferta que ultrapassa em muito o crescimento da procura.

Que dizer sobre este panorama: teremos um sector universitário sobredimensionado? Claramente, houve problemas de ajustamento, tanto no que respeita ao portefólio de licenciaturas como no que respeita às expectativas de alunos e pais de alunos. Apesar disso, os estudos mostram que, de um ponto de vista económico, o investimento numa licenciatura ainda é rentável. O salário (relativo) dos licenciados continua diminuindo, mas continua sendo superior ao dos não-licenciados. (Há que distinguir entre correlação e causalidade, o que nos levaria para longe do tema, pelo que espero que o leitor acredite quando digo que se trata em boa parte de causalidade.)

No entanto, nem tudo na vida são questões económicas: o conhecimento não ocupa espaço, dizia o meu avô; e o valor da educação vai muito para lá da taxa de rentabilidade.

Muitas coisas mudaram em Portugal nas últimas décadas. Espero que uma delas seja a mentalidade sobre educação e em particular sobre o chamado problema da 'sobre-educação'.

Professor da Universidade de Nova Iorque e da Aesse

O autor escreve de acordo com a antiga ortografia